

**A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA: UMA METÁFORA DO MAL-ESTAR HUMANO PERANTE AS CONDUTAS SOCIAIS.**

**Patrícia Gomes Germano**

**Para início da conversa**



Nos interstícios da cultura contemporânea, ocidentalizada e movida pelo dínamo dos mercados comerciais, a comunicação das mazelas sociais e do "mal-estar" do sujeito inserido nesse contexto perde cada vez mais espaço, já que na cultura de então, a prevalência do imediatismo do presente e do existente é também a evidência de uma rede comunicacional que tende a suprimir a dimensão metafórica, simbólica e ficcional dessas situações restando os saberes artísticos como suportes possíveis para exposição dessas vivências e questionamentos eminentemente humanos.

Posto que é arte e como tal procura a sublimação do real para uma reconfiguração das possibilidades de vivências, a literatura surge como um dos espaços no qual as insatisfações humanas, as reflexões sobre as imposições e paradigmas culturais são postos em destaque, descortinando um universo que, a partir do recurso ficcional, dá vez e voz àquilo que, comumente a sociedade quer ver calar, abrindo espaço para que outras

prioridades sejam apontadas, ao mesmo tempo em que se engaja na denúncia do que gera a insatisfação.

Sabe-se que a arte alimenta-se de inconformismo, de idéias reformistas, de tragédias, de ruptura com padrões socioculturais e políticos, de sombras pessoais, estas que são entendidas, do ponto de vista da psicologia profunda, como o lado desconhecido do ego que contém os desejos reprimidos ou negados, vulnerável ao contágio coletivo nas relações grupais. (RIBEIRO, 2004, p.126).

Assim sendo, pode-se dizer que a literatura assume determinantes papéis nessa cultura de miséria simbólica e metafórica, pois fala do não dito socialmente, incomoda por expor a condição humana tantas vezes perdida em caminhos criados por si próprio, tenta reorganizar sistemas, apresenta-se sempre fugidia graças à ambiguidade e a plurissignificância com que se utiliza da palavra: matéria-prima dessa arte, propõe mudanças e desmascara verdades que as regras sociais querem veladas ou banidas da mente humana.

O autor literário, por sua vez, faz eclodir imagens e lembranças que não se confidenciam com facilidade, visto que a imagem artística surge como súdita do psiquismo e, sendo assim, mostra-se como resultante de profundos mergulhos no inconsciente. Nesse mundo onde pululam realidades estranhas e imperativas que sobrepujam a consciência. (RIBEIRO, 2004).

Nesse sentido, a literatura, na cultura contemporânea, "competindo com outras formas de simbolizar" (...), falando daquilo que se cala, oposta, por seu excesso, por sua permanente dissipação de sentidos, à economia que rege uma relação "normal: a literatura é, pelo menos desde o século XIX, quase sempre incômoda e, por vezes escandalosa. Acolhe a ambiguidade ali onde as sociedades querem bani-la; diz, por outro lado, coisas que as sociedades preferiam não ouvir; com argúcia e futilidade, brinca de reorganizar os sistemas lógicos e os paralelismos referenciais; dilapida a linguagem porque a usa perversamente para fins que não são apenas prático-comunicativos; cerca as certezas coletivas e procura abrir brechas em suas defesas; permite-se a blasfêmia, a imoralidade, o erotismo que as sociedades somente admitem como vícios privados; opina com excessos de figuração ou imaginação ficcional, sobre história e política; pode ser cínica, irônica, trabalhar a paródia, dar um caráter cômico a temas, que por consenso ou imposição são dados por sérios ou proibido; pode, no limite, falar sem falar, usar a linguagem para não dizer nada em particular,

exibir essa impossibilidade na cena dos textos; falsifica, exagera, distorce porque acata os regimes de verdade dos outros saberes discursivos. Mas nem por isso deixa de ser, a seu modo, verdadeira” (SARLO, 1997, p. 26 apud CARDOSO, 1997, p. 172).

Nessa perspectiva, a novela *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, escrita por Jorge Amado em meados do século XX, expõe, através de uma narrativa com tons coloquiais e uma discursividade pautada na simplicidade de quem conta uma história a um velho conhecido, muito mais do que uma exposição picaresca de um herói, mas, sobretudo problemáticas inerentes à condição humana que vão desde o mal-estar do homem na cultura, à relação do homem com a sociedade, à busca do prazer numa cultura que o tolhe – a partir das instituições como família, igreja, status social – à confirmação dos arquétipos arcaicos presentes na sua psique, até a angústia perante a certeza da morte.



## **AS MORTES DE QUINCAS: BREVE RELATO**

Pacato funcionário público, Joaquim Soares da Cunha insurge-se contra as regras de sua impertinente família: a esposa Otacília, a filha Vanda e o genro de conduta ilibada: Leonardo.

O protagonista decide, para o espanto de todos, deixar a vida ordeira e consuma este ato gritando à rua o seu brado vitorioso de independência: “Jararacas”.

Após o abandono ao lar, passa a ser conhecido as redondezas como Quincas Berro D'água<sup>1</sup>, posto que assume o cargo de cachaceiro-mor da cidade da Bahia, campeão de

---

<sup>1</sup> Nesse artigo, utilizamos a grafia Berro D'água conforme aquela que aparece na edição analisada.

gafieiras e rei da vadiagem, amado de Quitéria do Olho Arregalado e vivendo ao léu, sem cumprir as costumeiras regras sociais.

Um dia, Quincas amanhece morto em seu catre imundo na Ladeira do Tabuão, conhecido endereço de bêbados e vagabundos da cidade. Avisada, a família, para cumprir com o seu papel, tenta reconduzir o extinto à decência dando-lhe um funeral modesto, porém de acordo com os preceitos do bem-viver da boa sociedade.

As providências seguem conforme o programado, salvo o aspecto cínico que permeia a face do defunto. Ele parecia sorrir da situação e expressava um "ar" de alegria perante a morte.

Na tentativa de esconder da vizinhança o defunto a sorrir, sua filha e genro decidem velá-lo ali mesmo, na ladeira do Tabuão, evitando comentários maldosos por parte dos conhecidos para quem Joaquim já estava morto desde a época em que abandonara o lar e se transformara em Quincas, o Berro D'água. Assim, poucos familiares e os verdadeiros amigos das vadiagens velaram o defunto.

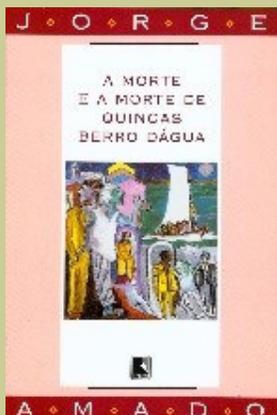
No meio da noite, dominados pelo sono, os parentes próximos deixaram Joaquim aos cuidados do cabo Martin, Curió, Negro Pastinha e Pé-de-Vento, cáfila de malandros que nutriam pelo falecido verdadeiro bem-querer.

A partir desse ponto, a narrativa assume uma conotação mágico-anímica, visto que, num processo de ambiguidade e plurissignificância, tem-se um retorno de Joaquim à condição de Quincas, proporcionado pelo despir do traje social, pelo encontro com uma jia e por generosos goles de cachaça. Daí por diante, ele e os amigos ingressam numa espécie de despedida da vida boêmia na qual saboreara a verdadeira felicidade.

Os cinco amigos se entregam à última esbórnia e, já alta a madrugada, partem para o cais do porto embarcando num bordejo marítimo no saveiro de Mestre Manuel, quando, por sua própria vontade, consoante o testemunho dos presentes, Quincas termina se atirando no fundo do mar cumprindo a sua sina e realizando o seu desejo.

Da história participam 27 personagens denominados e mais nove anônimos e foi inicialmente publicada na revista carioca "Senhor" no ano de 1959. Traduzida para mais de 13 idiomas, dentre esses em húngaro, russo e tcheco é uma texto que caminha entre a novela e o romance no qual o aspecto fantástico possibilita um olhar para as possíveis mortes a que o ser humano pode ser submetido.

Em 2010, o filme "Quincas Berro d'água" – com direção de Sérgio Machado, produção de Walter Salles e Maurício Ramos – revitaliza a obra de Jorge Amado, muito embora acentue seu caráter picaresco, a proporção que desmascara falsos moralismos



## O HOMEM E A MORTE OU O HOMEM X A MORTE ?

Situando o humano dentre as leis da vida, pode-se constatar que ele é o único ser capaz de transformar a natureza, de interagir sobre ela, na tentativa de melhor desfrutar de seus benefícios e retardar ao máximo possível o encontro com a morte que, para o *homo sapiens* é o irremediável, o absoluto. A única certeza do vivo, a delimitação do seu horizonte temporal. (AUGRAS, 2000, p.64)

Conforme Muraro (2002, p.125)

A lei da vida é uma só: o animal nasce, amadurece e morre. Uma das mais importantes descobertas da física do fim do século XX é a do físico russo Ilya Prigogine, que provou, com uma matemática extremamente elegante, que as estruturas vivas – a que chama estruturas dissipativas – se alimentam de entropia, isto é, de morte.

Em outras palavras, é preciso que haja a morte de um ser vivo para que outro consiga sobreviver e, ao contrário do que comumente se pensa, as forças da vida não se antagonizam com as forças da morte, visto que naturalmente, ao amadurecer e viver, o ser caminha para fenececer e se integrar novamente à cadeia vital.

A irrupção da morte, para *sapiens*, é ao mesmo tempo irrupção de uma verdade e de uma ilusão, irrupção de uma elucidação e de um mito, irrupção conhecimento objetivo e de uma nova subjetividade, e, sobretudo da sua ambígua ligação. É um novo desenvolvimento da individualidade e a abertura de uma frincha antropológica. (MORIN, s/d, s/p. *apud* AUGRAS, 2000, p. 65)

Esse “mal-estar” perante a morte nasce do fato de que o ser humano é dotado de um cérebro diferente daquele das demais espécies, já que nele, o córtex cerebral possibilita atitudes que são essencialmente distintas das realizadas por outros animais.

Todo organismo possui uma, e apenas uma, necessidade central na vida – realizar suas potencialidades. [...]. Mas a tarefa do ser humano em busca da plenitude de sua natureza é muito mais complexa, pois o homem deve agir com autoconsciência, isto é, sua evolução nunca é automática, mas deve ser até certo ponto escolhida e confirmada por ele próprio. [...]. Isto é, um homem não cresce automaticamente como uma árvore, mas realiza suas potencialidades somente quando planeja e escolhe conscientemente. (MAY, 1998, p. 77)

Desse modo, é possível afirmar que no *homo sapiens* existe uma parte do cérebro que o diferencia dos outros animais, ao mesmo tempo em que a condição de ser vivo não o deixa escapar das necessidades e instintos próprios de todo ser.

Assim, o fato de sobrepor-se, ao cérebro arcaico animal, um cérebro novo específico do ser humano origina o primeiro paradoxo da vida humana. O cérebro novo se opõe ao arcaico, o que não acontece nas outras espécies que não possuem o córtex. Isso quer dizer que o cérebro arcaico nos aproxima das outras espécies por ser a sede dos impulsos, dos instintos, das pulsões, do prazer e da dor. Já o cérebro novo é a sede da inteligência, da fala e de todas as atividades especificamente humanas e, por isso, nos afasta das nossas origens. Daí essa luta, que é intrínseca apenas à nossa espécie, se aprofunda naqueles quase dois milhões de anos que constituem a Pré –História – a lenta passagem da animalidade para a humanidade. (MURARO, 2002, p. 127)

Dessa característica surge o embate estabelecido na nossa psique entre o desejo de viver: Eros, e o instinto de morte. A psicanálise explica essa constante luta inerentemente humana tomando como base a capacidade de interagir e simbolizar... Atitudes realizadas pelo córtex cerebral e que conduzem o homem a criar mundos

artificiais. Por outro lado, o cérebro animal arcaico impulsiona o homem à busca incessante do prazer guiado pelo desejo da satisfação de suas reações instintuais.

A busca fundamental do animal humano desde que nasce é encontrar um objeto satisfatório para o seu desejo e, portanto, toda a nossa atividade psíquica consiste em buscar o prazer e evitar a dor e é automaticamente regulada pelo princípio do prazer. E é apenas o princípio do prazer que estabelece o propósito da vida. (Op. Cit, p. 128)

Na psicanálise de Sigmund Freud, o princípio de prazer é o desejo de gratificação imediata, aquilo que conduz o indivíduo a buscar o prazer e evitar a dor. O princípio de prazer opõe-se ao princípio de realidade, caracterizado pelo adiamento da gratificação.

O homem arcaico converte-se em *homo sapiens* a partir de uma transformação fundamental da sua natureza, afetando não só os anseios instintivos, mas também os valores – isto é, os princípios que governam a consecução dos anseios.

O retardamento e a inconformidade perante a morte advêm justamente do fato de ser o homem um animal inacabado, criador de mundos artificiais e que não consegue realizar socialmente os seus desejos primários e nem tampouco aceitar a sua essência de ser vivo que, irrefutavelmente, deve nascer, amadurecer e morrer. Desse modo, a idéia de finitude tende a frustrá-lo tendo em vista o paradoxo da sua incompletude. A falta de controle e o desconhecimento mediante a certeza da morte logo desvendam a impotência humana. “A hora da própria morte é também ignorada. A possibilidade de vê-la acontecer em cada momento vindouro projeta sobre o futuro uma sombra terrível. O ser do projeto é o ser para a morte.” (Op. cit., p.65).

Outrossim, é característico do homem questionamentos sobre o propósito da vida e a incessante busca pelo prazer, pelo escape de sofrimento, em outras palavras, pela felicidade individual e pela anulação das necessidades individuais em prol do bem comum, essa última, uma das exigências do mundo civilizado.

A novela amadiana traz em suas páginas a representação desses conflitos do homem enquanto existência ambígua e atormentada pelos desejos de felicidade e pelas regras sociais. *A fortiori*, aborda a problemática da morte e a relação que o homem estabelece com essa etapa. Todavia, no plano narrativo, a morte é ampliada do físico para as diversas formas de anulação de sujeito enquanto pessoa.



### **A MORTE PRIMEVA: MORRER PARA O SOCIAL**

"A felicidade não é um valor cultural" disse Freud e com essas palavras ele descortina o papel das regras sociais, *a priori*, criadas pelo homem a fim de moldar os comportamentos, canalizar as tensões e reprimir os instintos primevos que poderiam gerar um estado de caos, em outras palavras, esses mecanismos desenvolvem os processos civilizatórios inerentemente humanos.

A palavra civilização descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distingue nossas vidas das dos nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de justar os seus relacionamentos mútuos. (FREUD, 1980a, p. 109)

Os processos civilizatórios tendem a modificar o comportamento arcaico do homem e a lhe conferir certa autonomia, um dado ordenamento nas práticas realizadas em contato com seus semelhantes. Assim, cultura, proteção, domínio e transformação da natureza em benefício do próprio, culto ao belo, higiene, ordem e ênfase no

funcionamento intelectual e simbólico são atributos da civilização que, mesmo criada pelo homem e para o homem, não consegue satisfazer todos os seus desejos sendo estes regradados pelos mecanismos coercitivos da civilização.

As condutas sociais intrínsecas ao processo civilizatório, em última instância, são fruto da sublimação de instintos primitivos oriundos da herança cerebral arcaica do homem enquanto animal.

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma virtude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização [...], é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa 'frustração cultural' domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. (FREUD, 1980, p.118)

De acordo com as proposições freudianas, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início, muito embora as realizações dos desejos sejam impossíveis e de todo contrárias às normas sociais (FREUD, 1974, p.95).

Ciente dessa impossibilidade na realização plena de sua felicidade, por intermédio da satisfação de seus desejos, o homem busca canalizá-los em consonância com a realidade. Desse modo, o princípio do prazer, sofrendo as influências do mundo externo, transforma-se no modesto princípio de realidade.

Na psicanálise de Sigmund Freud, o princípio de prazer é o desejo de gratificação imediata que se opõe ao princípio de realidade, o qual caracteriza-se pelo adiamento da gratificação.

A cultura, na concepção psicanalítica, é um dos mecanismos transformadores do princípio do prazer, da repressão e de sublimação dos desejos instintivos, do Eros para o princípio de realidade no qual a acomodação do homem às esferas sociais corrobora com a integração deste no mundo coletivo.

O conceito de homem que emerge da teoria freudiana é a mais irrefutável acusação à civilização ocidental – e, ao mesmo tempo, a mais inabalável defesa dessa civilização.

Segundo Freud (apud MARCUSE, 2006), a história do homem é a história de sua repressão.

A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva. Contudo, essa coação é a própria precondição do progresso. Se tivessem liberdade de perseguir seus objetivos naturais, os instintos básicos do homem seriam incompatíveis com toda a associação e preservação duradoura: destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolado é tão funesto quanto sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades – é abandonado. (...). Se a ausência de repressão é o arquétipo da liberdade, então a civilização é a luta contra essa liberdade.

No texto analisado, percebe-se a opção do narrador em criar uma personalidade tolhida pelos mecanismos de repressão oriundos dos padrões culturais advindos das condutas e normas instituídas pela sociedade. Sem vez nem voz, Quincas Berro D'água, durante os capítulos da micro-narrativa, não tem o direito de expressar as suas opiniões através da linguagem verbal – outro atributo eminentemente humano. Com o foco narrativo em terceira pessoa, um narrador observador descreve a vida de Joaquim Soares da Cunha e seu completo sofrimento mediante as regras impostas pelos padrões morais familiares e da sociedade no qual ele está inserido.

A partir das reminiscências da filha Vanda, quando a sós com o corpo defunto de um pai que, em vida, não impusera a sua autoridade nem presença, são descritos os dias em que o completo descontentamento de Quincas com o mundo no qual vivia – lar e repartição pública – se faziam sentir no semblante ausente e sorumbático.

Recordava também a homenagem que amigos e colegas lhe prestaram, ao ser Joaquim promovido na Mesa de Rendas. A casa cheia de gente. Vanda era mocinha, começava a namorar. Nesse dia quem estourava de contentamento era Otacília, no meio do grupo formado na sala, com discursos, cerveja e uma caneta-tinteiro oferecida ao funcionário. Parecia ela a homenageada. Joaquim ouvia os discursos, apertava as mãos, recebia a caneta sem demonstrar

entusiasmos. Como se aquilo o enfastiasse e não lhe sobrasse coragem para dizê-lo. (AMADO, 2001, p. 34)

A leitura do fragmento anterior deixa evidente a insatisfação, a apatia de Joaquim perante as regras sociais, os comportamentos e valores do grupo com quem convivia. Percebe-se, pela narração da filha, a inadaptação, o sofrimento de uma situação criada por Joaquim que, enquanto protagonista dela, sente-se reprimido pelas legibilidades que ajudou a criar. Sendo assim, o segmento narrativo põe em evidência o sofrimento humano fruto da inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos na família, no Estado e na sociedade, criando a perspectiva de que as regras culturais, os padrões morais são em grande parte os responsáveis pela infelicidade que o homem experimenta.

A insignificância do pai, enquanto Joaquim Soares da Cunha, é descrita pelo recurso mnemônico da filha quando traz à cena narrativa a condição de uma identidade, de um *self* marcado pelo anonimato e pela "acomodação" mediante as regras sociais, em outras palavras, a condição de morte da personalidade e da autoconsciência enquanto pessoa, a perda do senso do *self*, a perda do sentido do valor e dignidade do ser humano, a aterradora visão do homem enquanto estranho de si mesmo. (MAY, 1998, p. 52).

Conforme Jung, o *Self* / O Si-mesmo é o centro de toda a personalidade. Dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana. "O Si-mesmo representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não." (JUNG, s/d,s/p, apud MAY, 1998, p.76). O *self* é a função organizadora do íntimo do indivíduo, por meio do qual um ser humano pode relacionar-se com outro.

Vale salientar que no discurso narrado essa mudança de condição: de um ser anônimo, sem voz nem autonomia para um sujeito que decide se assumir enquanto alteridade é descrita como a primeira morte do protagonista, a morte para as regras sociais o que permite a vida para sua condição de pessoa. Desse modo, essa morte é a condição para que a nova vida se faça sentir.

Cometendo uma injustiça, atribuem a esses amigos de Quincas toda a responsabilidade da malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para os quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, descentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de três anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão de falecimento, dando-nos o direito de pensar terem sido os acontecimentos posteriores – a partir do atestado de óbito até o seu mergulho no mar – uma farsa montada por ele com o intuito de mais uma vez atanzar a vida dos parentes, desgostá-los a existência, mergulhando-os na vergonha e nas murmurações da rua. (AMADO, 2001, p.2)

No comportamento de Quincas expressa está a transgressão às regras sociais e a expressão de sua insatisfação perante as condutas impostas pelas agências civilizatórias: família, cultura, trabalho.

Com fulcro em Freud, (1980a, p, 116)

A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização. [...]. O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições. O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser a sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização. O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral.

Rompendo com os padrões de higiene, descumprindo horários e desconhecendo as prerrogativas de ordem que regem a sociedade, o protagonista opta pela vida libertina na qual seus instintos e vontades individuais são mais importantes que o bem comum.

[...] estendido bêbado, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má vida. Um horror! (AMADP, 2001, p.7)

Um dos preceitos para vida em sociedade é a limpeza. A sujeira de qualquer espécie parece incompatível com a civilização. Da mesma forma, estende-se essa exigência social ao corpo humano. (FREUD, 1980, p. 113). Quincas faz assim, um retrocesso ao mundo não civilizado já que concretiza uma nova existência desconsiderando um hábito importante nas condutas civilizatórias. No seu comportamento, “pós” Joaquim Soares, ainda é possível perceber uma transgressão a ordem outro atributo a civilização.

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas. [...]. Ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas dele. (FREUD, 1980, p. 113)

O fato de Quincas estar “estendido bêbado, ao sol, em plena manhã” rompe com os padrões sociais que delimitam o tempo matutino como tempo de trabalho. Ao estar “curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar”, Quincas expressa o descaso para com as legibilidades sociais que regem os espaços, visto que, pelo prisma social, o átrio de uma igreja não é “apropriado” para jogos.

### **MORRER EM VIDA OU VIVER NO/O CAOS ?**

Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e a memória do morto fulge como diamante. (AMADO, 2001, p. 6)

Seguindo esse pensamento, a narrativa amadiana dá uma conotação filosófica a condição da morte, ressaltando um caráter reconstrutor da personalidade geralmente denegrada ou maculada pelas relações sociais vividas pelo ser que faleceu. Destarte, o processo cíclico da vida/morte, morte/vida é confirmado: morre Joaquim Soares socialmente, nasce Quincas Berro Dágua; morre Quincas, renasce Joaquim Soares.

Quando finalmente, naquela manhã, um santeiro estabelecido na ladeira o Tabuão chegou aflito à pequena, porém bem arrumada casa da família Barreto e comunicou à filha Vanda e ao genro Leonardo estar Quincas definitivamente espichado, morto em sua pocilga miserável, foi um suspiro de alívio que se elevou uníssono dos peitos dos esposos. De agora em diante já não será a memória do aposentado funcionário da Mesa de Rendas Estadual perturbada e arrastada na lama pelos atos inconstantes do vagabundo em que ele se transformara no fim da vida. Chegara o tempo do merecido descanso. Já poderiam falar livremente de Joaquim Soares da Cunha, louvar-lhe a conduta de funcionário público, de esposo e pai, de cidadão, apontar suas virtudes às crianças como exemplo, ensiná-las a amar a memória do avô, sem receio de qualquer perturbação. (AMADO, 2001, p.7)

Na condição de cachaceiro-mor da Bahia, rei das gafieiras e dos cabarés, amante sem igual, Quincas, o Berro D'água, nasce da morte de Joaquim Soares, fruto das inaptações e recalques sofridos pelo cordato funcionário público.

Seu grito de liberdade: "Jararacas!", verbaliza a imagem que tinha das relações familiares e metaforiza o perigo que sua verdadeira identidade, seu *self*, corria em contato com essas instituições para ele, venenosas.

Livre das investidas da mulher e das regras sociais caminha numa existência na qual as condutas sociais e as regras culturais são sobrepostas pelos impulsos instintivos, pela satisfação dos desejos.

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a civilidade é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe certa quantidade de privações que vão interferir nos seus comportamentos e serão interpretadas de maneiras diferentes por cada estrutura mental.

De acordo com os estudos freudianos, a mente é uma estrutura tripartite composta por aparelhos que interagem entre si: o Id, o Superego e o Ego.

O Id é uma espécie de órgão regido pelo "princípio do prazer" e tem a função de descarregar as tensões biológicas. É a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética e voltados para a preservação e propagação da vida. (FREUD, 1976)

O "Ego" lida com a estimulação que vem tanto da própria mente como do mundo exterior. Racionaliza em favor do Id, mas é governado pelo "princípio de realidade". É a parte racional da alma. É parte perceptiva e a inteligência que devem, no adulto normal,

conduzir todo o comportamento e satisfazer simultaneamente as exigências do Id e do Superego através de compromissos entre essas duas partes, sem que a pessoa se volte excessivamente para os prazeres e sem que, ao contrário, se imponha limitações exageradas à sua espontaneidade e gozo da vida. O Ego é pressionado pelos desejos insaciáveis do Id, a severidade repressiva do Superego e os perigos do mundo exterior. Se se submete ao Id, torna-se imoral e destrutivo; se submete-se ao Superego, enlouquece de desespero, pois viverá numa insatisfação insuportável; se não se submeter à realidade do mundo, será destruído por ele. Por esse motivo, a forma fundamental da existência para o Ego é a angústia existencial. (FREUD, 1976)

O terceiro órgão é o "Superego", que é gradualmente formado no "Ego", e se comporta como um vigilante moral. Contem os valores morais e atua como juiz moral. É a parte irascível da alma.

O Superego, também inconsciente, faz a censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao Id, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos. É o órgão da repressão, particularmente a repressão sexual. Manifesta-se à consciência indiretamente, sob a forma da moral, como um conjunto de interdições e de deveres, e por meio da educação, pela produção da imagem do "Eu ideal", isto é, da pessoa moral, boa e virtuosa. O Superego ou censura desenvolve-se em um período que Freud designa como período de latência, situado entre os 6 ou 7 anos e o início da puberdade ou adolescência. Nesse período, forma-se nossa personalidade moral e social (Op.cit., 1976).

Em *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, o protagonista Joaquim assume a condição de Quincas justamente no instante em que decide alcançar a felicidade tentando satisfazer os seus desejos, dando vez e voz as impulsos instintivos do Id e entrando em confronto com os padrões de comportamentais estabelecidos, a priori, pela cultura e pelas normas sociais a ponto de ser decretado já morto como cidadão e passando a usufruir de uma vida miserável num endereço medíocre da cidade baiana.

É digno de nota que, por pouco que os homens sejam capazes de existir isoladamente, sintam, não obstante, como um pesado fardo os sacrifícios que a civilização deles espera, a fim de tornar possível a vida comunitária. A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. (FREUD, 1980b, p.11)

A descrição do cadáver de Quincas pelo olhar repressor da filha Vanda dá a dimensão da inadequação de Quincas à sociedade e às regras de civilidade, ressaltando que para se viver em comunidade é necessário a abdicação dos prazeres individuais.

Afastavam-se para ela passar, curiosos de vê-la lançar-se sobre o cadáver, abraçá-lo, envolver-se em lágrimas, soluçar talvez. No catre, Quincas Berro Dágua, as calças velhas remendadas, a camisa aos pedaços, num sebo e enorme colete, sorria como se estivesse a divertir-se. Vanda ficou imóvel, olhando o rosto de barba por fazer, as mãos sujas, o dedo grande do pé saindo da meia furada. [...].

Era um morto pouco apresentável, cadáver de vagabundo falecido ao azar, sem decência na morte, em respeito, rindo-se cinicamente, rindo-se dela, com certeza de Leonardo, do resto da família. Cadáver para necrotério, para ir no rabeção da polícia, servir depois aos alunos da faculdade de Medicina nas aulas práticas, ser finalmente enterrado em cova rasa, sem cruz e sem inscrição. Era o cadáver de Quincas Berro Dágua, cachaceiro, debochado e jogador, sem família, sem lar, sem flores nem rezas. [...] (AMADO, 2001,p.14)

A luta travada no Ego de Joaquim Soares da Cunha é justamente a tentativa de conciliar a sua personalidade com as condutas civilizatórias internalizadas pelo Superego que tentam reprimir os impulsos do ID. A insatisfação de Joaquim e a inadequação do seu *self* àquilo que a civilidade impõe, conduz à revolta perante essas regras e, conseqüentemente, a total negação dos preceitos sociais que tentam “organizar” a vida do homem em comunidade.

Destarte, sem essas condutas sociais, entregue aos vícios e a pulsões instintivas, o homem perde seu status de ser histórico e regride a condição animalesca encontrando-se com a morte física destino final de todo ser vivo.

Vale salientar que nessa parte da narrativa, novamente a morte é vista como etapa cíclica da vida e não como fim absoluto. Aqui, Quincas é conduzido pelas mãos hábeis da agência funerária ao encontro das regras sociais. Vestido e asseado, volta a ser Joaquim Soares, para a felicidade da família e da boa sociedade.

Penteado, barbeado, vestido de negro, camisa alva e gravata, sapatos lustrosos, era realmente Joaquim Soares da Cunha quem descansava no caixão funerário – um caixão régio (constatou satisfeita Vanda), de alças douradas, com um babado nas bordas.

[...]. Um suspiro de satisfação escapou-se-lhe do peito. Ajeitou os cabelos castanhos com as mãos, era como se houvesse domado Quincas, como se lhe houvesse de novo posto as rédeas, aquelas que ele arrancara um dia das mãos fortes de Otacília, rindo-lhe na cara. (AMADO, 2001, p.30)

Outro aspecto peculiar é a metáfora do retorno à condição de ser integrado com a natureza e passivo diante de suas regras na descrição da *causa mortis* de Quincas. "Até hoje permanece certa confusão em torno da morte de Quincas Berro D'água. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas. Não há clareza sobre local, hora e frase derradeira." (AMADO, 2001, p.1).

Desprovido do contato familiar, sem regras e nem horários, sem pouso ou destino certo, Quincas deixa a vida cumprindo a missão de ser vivo, alheio também a todo aparato religioso e transcendental que deve acompanhar o homem civilizado no seu trato com a morte, lembrando o pensamento de Freud quando afirma: "o homem que vai além, mais humildemente concorda com o pequeno papel que os seres humanos desempenham no grande mundo, esse homem é, pelo contrário, irreligioso no sentido mais verdadeiro da palavra." (1980b, p. 52).

Por fim, cansado de ser Joaquim mesmo enquanto morto, o defunto, com a ajuda dos amigos que lhe velavam o corpo, despe-se do traje fúnebre e veste-se com as velhas roupas de malandro voltando a ser Quincas. Assim, dá origem a um novo processo de renascimento que irá culminar com a sua terceira morte quando se joga no mar.

Durante essa passagem de Joaquim para Quincas, é descrito o encontro do morto com um presente trazido pelo amigo Pé-de-Vento: uma jia. Nesse contexto, um arquétipo do imaginário popular arcaico se faz presente na imagem do réptil.

- Cadê o sapo?
- Sapo, não. Jia. Agora pra que lhe serve?
- Talvez ele goste.

Pé-de-Vento tomou delicadamente a jia, colocou-a nas mãos cruzadas de Quincas. O animal saltou, escondeu-se no fundo do caixão. Quando a luz oscilante das velas batia no seu corpo, fulgurações verdes percorriam o cadáver. (AMADO, 2001, p.76)

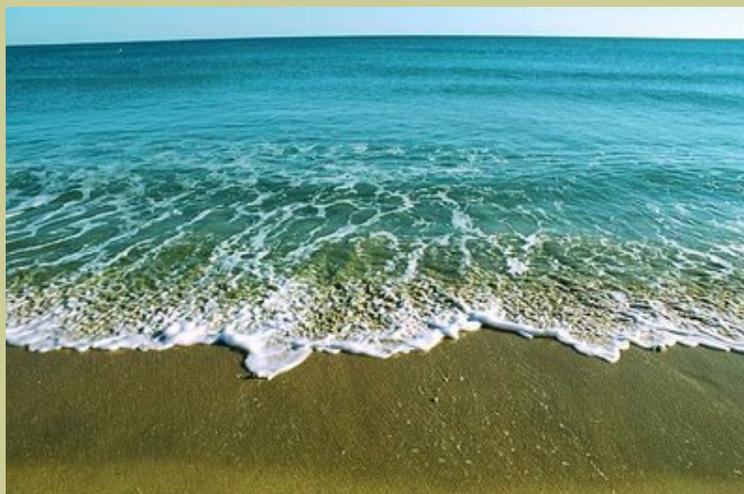
Com base em Ribeiro (2004, p. 135) as rãs, que se distinguem mal dos sapos, trazem significados simbólicos oriundos da grande cadeia mítica água-noite-lua-yin. Animal

aquático, hibernante e obscuro, que no seu sono prolongado vive, figurativamente, uma pequena morte para o renascimento, a rã traz todo o simbolismo das trevas do inconsciente e da transformação. Consequentemente, a rã pode ser associada à metamorfose e à mudança de condição, assim como Joaquim que morre para dele nascer Quincas.

Nas análises arquetípicas de Neumann (1996, p.191) a rã é a representação da deusa das águas primordiais *Heket*. Ela é a mãe primordial de todos os seres gerados e que estão sob a sua proteção.

Portanto, por intermédio da jia, Quincas começa a renascer para a vida e para a liberdade dos seus instintos eróticos mais primitivos e, junto aos amigos, viver a noite mais efusiva de sua existência.

### **A TERCEIRA MORTE: ENCONTRO COM A ÁGUA, SIMBOLO DO RENASCIMENTO**



Nas páginas finais da novela, a narrativa assume um tom fantástico no qual Joaquim Soares da Cunha volta a ser o velho Quincas Berro Dágua graças à ajuda de seus míseros amigos e de fartos goles de cachaça. Nesse ponto, o leitor encontra a dúvida sobre a condição verdadeira de Quincas: morto ou vivo?

Andando pelas ruas, o quinteto composto por membros da malandragem baiana decide comemorar a volta de Quincas a vadiagens e depravações saboreando uma moqueca a bordo do saveiro de Mestre Manuel.

Em meio à farra e às brincadeiras, um forte temporal ameaça a embarcação e Quincas, de pé, atira-se ao mar, quem sabe? Por vontade própria?

Ninguém sabe como Quincas se pôs de pé, encostado à vela menor. Quitéria não tirava os olhos apaixonados da figura do velho marinheiro, sorridente para as ondas a lavar o saveiro, para os raios a iluminar o negrume. Mulheres e homens se seguravam às cordas, agarravam-se às bordas do saveiro, o vento zunia, a pequena embarcação ameaçava soçobrar a cada momento [...]. No meio do ruído, do mar em fúria, do saveiro em perigo, à luz dos raios, viram Quincas atirar-se e ouviram sua frase derradeira. (AMADO, 2001, p.94)

A importância do elemento água para a interpretação do simbolismo criado desde o novo nome de Joaquim, "o Berro D'água" até o seu encontro fatídico com a morte nas águas faz com que seja necessário reportar-se para imagens arquetípicas da criação do mundo com base estrutural no elemento água.

Tomando como base as intervenções de Eliade (2002, p, 151).

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são *fons* e *origo*, reservatório de todas as possibilidades de existência; elas precedem toda forma e sustentam toda criação. [...]. Por outro lado, a imersão na água simboliza a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da preexistência. A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das águas implica tanto a Morte como o Renascimento. O contato com a água supõe sempre uma regeneração: de um lado, porque a dissolução é seguida de um "novo nascimento"; do outro, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida.

Assim sendo, é possível interpretar essa terceira morte de Quincas como mais um processo de renascimento do qual uma nova existência possa surgir. Além disso, a água na qual a personagem se joga voluntariamente tem ainda o potencial purificador e regenerador. "Penetrava o saveiro nas águas calmas do quebra-mar, mas Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espuma, por sua própria vontade" (AMADO, 2001, p.94).

"As lustrações e purificações rituais com água têm como objetivo a atualização fulgurante do momento intemporal (*in illo tempore*) em que aconteceu a criação; elas são a repetição simbólica do nascimento dos mundos ou do 'homem novo'. (ELIADE, 2002,p. 152).

Por outro lado, a água pertence, tradicionalmente, a um reino de existência abaixo da vida humana, especificamente na fase embrionária, que compõe o estado caótico de dissolução, de transmutação ou de redução ao inorgânico e que se segue à morte simbólica, [...], eles remetem para o estágio primitivo da Idade de Ouro da humanidade. (RIBEIRO, 20004, p.136)

As palavras de incredulidade diante da notícia da morte física de Quincas num catre pobre, em terra firme, dão uma dimensão da importância do elemento água como simbolismo de libertação, renascimento, regeneração pretendida por Quincas como seu leito de morte/vida:

Nos saveiros de velas arriadas, os homens do reino de Iemanjá, os bronzeados marinheiros, não escondiam sua decepcionada surpresa: como pudera acontecer essa morte num quarto do Tabuão, como fora o *velho marinheiro* descansar numa cama? Não proclamara, peremptório, e tantas vezes, Quincas Berro D'água, com voz e jeito capazes de convencer ao mais descrente, que jamais morreria em terra, que só um túmulo era digno de sua picardia: o mar banhado de lua, as águas sem fim? (AMADO, 2001, p. 42)

O fragmento "águas sem fim" possibilita a leitura da continuidade, do renascer após o encontro com tal elemento. "Quando mergulhamos nossa cabeça na água como em um sepulcro, o velho homem é imerso sepultado inteiramente; quando saímos da água, o novo homem surge simultaneamente." (ELIADE, 2002, p.153).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água* dá margens para várias leituras sobre as possibilidades de encontro com a morte e a necessidade desse encontro como pressuposto ao surgimento de novas e díspares existências.

O narrador relata as etapas da vida de um protagonista Joaquim Soares da Cunha indivíduo regido pelo princípio da realidade que faz a opção por "morrer" para as condutas sociais e culturais passando a viver dando vazão aos seus instintos primevos, entregando-se às bebedeiras e às libertinagens, contrariando assim, os padrões sociais e civilizatórios

que tendem a nortear, regradar e viabilizar a convivência do humano com seus semelhantes de modo que o bem estar comum e social se sobreponha ao deleite individual.

Nesse processo, a mudança de personalidade confere a morte um caráter de "passaporte" para outro plano de existência corroborando com a idéia de etapa e passagem e não de fim em si mesma. Igualmente, quando Quincas se encontra com a morte física, renasce Joaquim, a partir das conformidades com os paradigmas sociais.

Logo, é possível concluir que as diversas mortes narradas metaforizam um processo cíclico vital e comum a todo ser vivo dando ênfase ao caráter entrópico dessa relação morte/vida, vida/morte.

Ressaltando ainda mais essa concepção de morte como "passagem" e renascimento, chega-se ao final da narrativa tomando conhecimento da possível morte de Quincas, por livre vontade quando se atira no mar da Bahia. Nessa perspectiva, a vivência da morte como zona de fronteira entre uma existência e outra vez confirmada, na medida em que se estabelece um contraponto entre a morte de Quincas e o local para ela acontecer: o meio aquático aspecto que permite, a partir do conhecimento simbólico, uma interpretação do processo regenerador e transformador que a água assume nas representações arquetípicas da humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AMADO, Jorge. (2001). *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*. 88 ed. São Paulo: Record.

AUGRAS, Monique. (2000). *O Ser da Compreensão: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes.

CARDOSO, Irene. & SILVEIRA, Paulo.(1997). *Utopia e Mal-Estar na Cultura: Perspectivas Psicanalíticas*. São Paulo: Editora Hucitec.

ELIADE, Mircea. (2002). *Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*. São Paulo: Martins Fontes.

FREUD, Sigmund. (1974) *O Ego e o ID*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. *O Mal-estar da Civilização*. (1997a) Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.(1997 a)

\_\_\_\_\_.(1997b) *O Futuro de uma Ilusão*. Separata da Ed. Standard Brasileira de 1969. Rio de Janeiro: Imago, 1997c)

KON, Naomi Moritz. Psicanálise e Arte. In: *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização: uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud. In: *Sexo, afeto e era tecnológica*. Desenvolvido por Gustavo Cunha, 2006. Disponível em < [http:// www.abordo.com.br/sat/res01\\_gus.htm](http://www.abordo.com.br/sat/res01_gus.htm).17K>. Acesso em: 08 de jan. de 2007.

MAY, Rollo. *O Homem à Procura de Si Mesmo*. (1998) 24. ed. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis, 2007.

MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe*. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão. São Paulo: Cultrix, (1996).

RIBEIRO, Maria Goretti. Eros Daimonizado na Literatura de Hermílo Borba Filho. In: *Literatura e Estudos Culturais*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

TAVARES, Paulo. (1983). *O Baiano Jorge Amado e Sua Obra*. 5 ed. São Paulo: Record, 1983.